

ENEGRECER: NARRATIVAS INSURGENTES E FEMINISMO NEGRO

Débora Cristina Sampaio do Valle (Assistente Social/Mestranda Ciências Sociais - UEM), e-mail: deboravalle1203@gmail.com
Dra. Marivânia Conceição de Araujo (Orientadora), e-mail: mcaraujo@uem.br

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MARINGÁ

Resumo: Este trabalho é parte da pesquisa intitulada “Saúde da mulher negra: Vida, existências e resistências. O atravessamento do racismo institucional na saúde”. Apresentado ao Programa de Pós-Graduação, *Strictu Sensu* – Mestrado em Ciências Sociais da Universidade Estadual de Maringá – UEM. A partir dessa elaboração propõe refletir sobre elementos do feminismo negro e suas contribuições a partir da discussão sobre as narrativas de mulheres negras, versadas nesse artigo como narrativas insurgentes. Observa-se a resistência e luta das mulheres negras, cujas vidas foram atravessadas por inúmeras opressões, se fortalecem enquanto sujeitos coletivos sobre vivências e *escrevivências*. Trata do conceito de interseccionalidade como balizador das estruturas narrativas de mulheres negras que em movimento intencionam ocupar espaços e enegrecer a discussão acadêmica de construção de conhecimento. O texto se constrói a partir de uma pesquisa bibliográfica doravante o debate de autoras negras, no qual, neste trabalho vai se enredando num processo de discussão fundamentado nas contribuições do feminismo negro e se estende, na defesa deste artigo, como movimento de enegrecer os espaços de saber e de produção de conhecimento. A justificativa desse trabalho atua em um *lócus* caro de denúncia e luta por espaço de evidência: a mulher negra enquanto sujeito, cidadã, a quem deve ser assegurado direitos, lugar de fala e de existência.

Palavras-chave: Feminismo negro, narrativas insurgentes, interseccionalidade.

Introdução

Este trabalho é parte da pesquisa intitulada “Saúde da mulher negra: Vida, existências e resistências. O atravessamento do racismo institucional na saúde”. Apresentada ao Programa de Pós-Graduação, *Strictu Sensu* – Mestrado em Ciências Sociais da Universidade Estadual de Maringá – UEM. A proposta presente neste trabalho traduz questionamentos de uma mulher negra, assistente social, trabalhadora da política de saúde. Na atuação como assistente social, tem se percebido em constante reflexão sobre o racismo institucional. A

partir da participação de um curso de extensão intitulado Serviço Social e o Enfrentamento do Racismo e da campanha do Conselho Federal de Serviço Social e Conselho Regional de Serviço Social, o conjunto CFESS/CRESS de 2020. Esta que tratou de elucidar e evidenciar a pauta antirracista também como um compromisso da categoria profissional. Desta forma, o serviço social, como profissão, adere como bandeira da luta pela liberdade e defesa intransigente pelos direitos humanos e enumerada nas ciências sociais intencionou argumentação teórica e fundamentou a metodologia prática na elaboração da trajetória dessa pesquisa. Nas linhas de interesse científico, o estudo do racismo como impactante nos processos de sociabilidade e ainda a presença da mulher negra como protagonista, vivendo e se reconhecendo no meio cruel da ausência de acessos, passou a ser um desassossego, sobretudo na vivência do racismo institucional e do apagamento do SER MULHER NEGRA. O foco do trabalho, comprometido com a perspectiva antirracista, buscou enveredar nestas reflexões, pautado no conceito de interseccionalidade emancipado no seio do feminismo negro.

Dentre tantas outras constatações, a partir das produções teóricas e narrativas negras, em especial de Lélia Gonzales e outras autoras negras, pretendemos elucidar a importância política no reconhecimento da identidade do povo negro, sob a postura de identidade e identificação, tornar-se negro é um ato político. Nas contribuições da autora, é pertinente para essa pesquisa, o destaque dado à condição feminina, “Ser negra e mulher no Brasil, repetimos, é ser objeto de tripla discriminação, uma vez que os estereótipos gerados pelo racismo e sexismo a colocam no nível mais alto de opressão” (GONZALES, 2020, p. 58).

Neste contexto, pesquisar a partir da vivência de mulheres negras, reconhecidas em sua raça, em sua identidade de classe e inserida no contexto social brasileiro é potencializar a democratização dos espaços, dos discursos e da história. A justificativa desse trabalho atua em um *lócus* caro de denúncia e luta por espaço de evidência: a mulher negra enquanto sujeito, cidadã, a quem deve ser assegurados direitos e lugar de existência. Sobre essa conjuntura, podemos elencar que o racismo é estrutural no Brasil, país

colonizado no qual a população negra desde a colonização vivenciou a das maiores atrocidades que foi e é a escravidão. Neste panorama, a pesquisa pretende evidenciar narrativas e discutir o feminismo negro e a produção de narrativas insurgentes, que podem enegrecer e caracterizar as vivências cotidianas de vulnerabilidades, violência, solidão, adoecimento, mortalidade, opressão e fome, todos esses assentados na desigualdade e no racismo.

Materiais e métodos

O presente artigo é parte da pesquisa de mestrado intitulada “Saúde da mulher negra: vida, existências e resistências. o atravessamento do racismo institucional na saúde”, diante o exposto o recorte aqui apresentado ocorre a partir da pesquisa qualitativa por meio das leituras e discussão teórica de textos e produções assentadas no debate do feminismo negro.

Resultados e Discussão

Mais do que números, as mulheres negras são sujeitos de história. Imbuídas de subjetividades e vivências, resistem e reexistem conduzindo suas vidas atravessadas por inúmeras opressões interseccionais. Sobretudo, almejam (e devem ser instadas a almejar) ocupar diferentes espaços e inclusive a academia, como espaço de disputa na validação do conhecimento e reconhecimento, objetivam enegrecer e valorar as experiências, sobrevivências e narrativas singulares.

Por meio da análise do apagamento epistemológico, da colonialidade somado ao racismo, a vivência da mulher negra nos seus atravessamentos interseccionais impelem influência na sua sociabilidade. Escrever sobre essa existência e resistência produz história, produz narrativas.

A produção cotidiana, a militância e o diálogo como disputas narrativas, nas ações insurgentes de mulheres negras, atuam na fundamentação de decolonialidade e enunciação da negritude. Não é somente dor, mas reconhecimento, existência e reexistência. É saudar a presença de mulheres negras que contam suas histórias, como fizeram Carolina Maria de Jesus e

Conceição Evaristo, por exemplo, socializam seus saberes cotidianos dialogam como as vivências interseccionais.

Considerações finais

O tensionamento e a luta constante por espaço de fala é uma porta que se abre, não por comodismo ou caridade, mas uma porta que foi fortemente tensionada a abrir. Locus de reexistência da mulher negra em que há a possibilidade de elucidar a produção dos saberes sob sua ótica, sua singularidade. Neste contexto, faz-se importante o questionamento contínuo em relação a produção nas ciências sociais e os critérios de pertinência nas discussões propostas.

Lélia Gonzales já dizia, mulheres negras não compartilham somente a história de opressão é preciso conhecer os caminhos de luta percorridos nessas opressões, daí a importância da resistência e reexistência de narrativas, literatura, produções negras, cultura, arte, moda e tudo mais a que ela, mulher negra, queira ocupar.

Agradecimentos

Agradecimentos a orientadora Dra. Marivânia Araújo, como referência, estima e afeto. Mulher Negra que se movimenta. Com sua inquietude latente inspira e semeia saberes. Obrigada por tanto. Orientadora de pesquisa, de luta e de vida.

Referências

AKOTIRENE, Carla. **Interseccionalidade**/Carla Akotirene. São Paulo: Sueli Carneiro; Polén, 2020. 152 p. (Feminismos Plurais / coordenação de Djamila Ribeiro).

ALMEIDA. Silvio Luiz de. **Racismo Estrutural**/ Silvio Luiz de Almeida. São Paulo: Sueli Carneiro; Polén, 2019. 264 p. (Feminismos Plurais / coordenação de Djamila Ribeiro).

CARNEIRO, Sueli. **Racismo, Sexismo e desigualdade no Brasil**. São Paulo: Selo Negro, 2011

CARNEIRO, Sueli. **Escritos de uma vida**. Prefácio Conceição Evaristo, Apresentação Djamila Ribeiro. - São Paulo: Editora Jandaíra, 2020.

COLLINS, Patrícia Hill. **Epistemologia feminista Negra**. In: COSTA, J, TORRES, N, GROSGOUEL (Org.). Decolonialidade e pensamento afrodiaspórico. 2ª ed – Belo Horizonte: Autêntica, 2020 (Coleção Cultura Negra e Identidades). (p. 139-170)

EVARISTO, Conceição. **Insubmissas lágrimas de mulheres**. Belo Horizonte: Nandyala, 2011.

GOMES, Nilma Lino. **O Movimento Negro e a intelectualidade negra descolonizando currículos**. In: COSTA, J, TORRES, N, GROSGOUEL (Org.). Decolonialidade e pensamento afrodiaspórico. 2ª ed – Belo Horizonte: Autêntica, 2020 (Coleção Cultura Negra e Identidades). (p. 223-246)

GONZALES, Lélia. **Por um feminismo Afro Latino Americano: Ensaio Intervenções e diálogos**/Org. Flávio Rios, Márcia Lima – 1ª ed. - Rio de Janeiro: ZAHAR, 2020.

HOOKS, bell. **E eu não sou uma mulher?: Mulheres negras e feminismo**. Tradução Bhuvi Libanio. 6ª ed – Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos: 2020.

KILOMBA, Grada. **Memórias da Plantação: Episódios de racismo cotidiano**. Tradução Jess Oliveira. 1ªed – Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.

RIBEIRO, Djamila. **O que é: lugar de fala?**. Coleção Feminismos Plurais. Letramento: Justificando. Belo Horizonte – MG, 2017.

_____. **Pequeno Manual Antirracista**. 1ª ed – São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

_____. **Quem tem medo do feminismo Negro?**/Djamila Ribeiro – 1ª ed. São Paulo : Companhia das Letras, 2018.

SCOTT, Joan W. **O enigma da Igualdade**. Estudos Feministas, Florianópolis-SC, 13/1-216, janeiro-abril, 2005, p11-30.